



S. Bartolomeu dos Mártires
Novena



PRECE

D. Frei Bartolomeu:

Depois de piedosamente vos louvarmos,
Aqui nos tendes. Porque estais no Céu,
É chegado o momento de ajoelharmos.

Portugal vos implora e em vós confia,
Como lembra, orgulhoso, o vosso exemplo,
E espera que, na glória de algum dia,
Todo o mundo vos cante em cada templo.

Protegei, amparai cada vez mais
O povo que se lança a vossos pés.
Nunca vos esqueçais
De que sois portugueses!

Moreira das Neves

S. Bartolomeu dos Mártires

Novena

Revisto por

Frei José Carlos Vaz Lucas, op
e Frei Francisco Carvalho, op

Primeira Edição



Editorial Apostolado do Rosário
Fátima
2020

Vinde Espírito Santo

Vinde Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso Amor.
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito,
e tudo será criado,
e renovareis a face da Terra.

OREMOS:

Ó Deus, que Vos dignastes iluminar a Vossa Igreja
com as luzes do Divino Espírito Santo,
concedei-nos a graça de experimentarmos sempre
tudo o que é recto e de vivermos
segundo as consolações do mesmo Espírito.
Ámen.

Para antes da Leitura

Oração de S. Bartolomeu dos Mártires

Senhor, os olhos da minha alma estão cegos, porque não vejo o que é bem e o que é mal. Os falsos bens deste mundo me parecem verdadeiros e grandes, e os verdadeiros do outro não estimo nem desejo com eficácia e, por isso, alumiai meus olhos para que veja as coisas como elas são: as vãs como vãs e as verdadeiras como verdadeiras, para que, desprezando as vãs e amando as verdadeiras, mereça chegar à luz eterna. *Ámen.*

(Leitura para cada dia e meditação)*

Preces Finais

Oração

Senhor Jesus, Bom Pastor, com infinita caridade e humildade lavastes os pés aos vossos discípulos na Última Ceia, dando-lhes o exemplo e mandando-os que aprendessem de Vós e fizessem o mesmo

* As leituras foram extraídas do *CATECISMO* de S. Bartolomeu dos Mártires.

aos homens, seus irmãos; Vós que comunicastes essa mesma humildade e ardente caridade ao vosso fiel servo S. Bartolomeu dos Mártires, especialmente para com os pobres e aflitos, e o animastes a percorrer incansavelmente montes e vales da vastíssima arquidiocese de Braga, para salvação da sua grei, concedei-me a graça... (*mencionar o pedido*) que vos peço a fim de que também o seu exemplo me estimule à caridade e a sua intercessão me obtenha o dom de alcançar o Vosso reino.

Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo. Ámen.

Em vez da oração anterior, pode dizer-se a seguinte:

Senhor Jesus, Bom Pastor, que tornastes o vosso fiel servo S. Bartolomeu dos Mártires tão heróico no zelo pela salvação das almas e na caridade para com os necessitados, por sua intercessão concedei-nos a graça... (*mencionar o pedido*) que vos pedimos.

Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo. Ámen.

Pelas intenções do Santo Padre:

Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai

Ó Pai do Céu, pelos doces nomes de Jesus e de Maria e por intercessão do vosso fiel servo S. Bartolomeu dos Mártires, ajudai-me nesta necessidade e não permitais que seja confundida a minha esperança!

O Senhor me abençoe, me livre de todo o mal e me conduza à vida eterna. *Ámen.*

Primeiro dia

Imitação dos santos

Imitemos os santos, aqueles que esgalham as árvores e, com os ramos nas mãos, glorificam o Senhor. Lancemos mão dos ramos dos seus exemplos e excelentes obras de virtudes, para seguirmos a Cristo.

Uns são comparados a oliveiras carregadas de azeitona, isto é, resplandecem pela caridade e misericórdia. Nós, pecadores, colhemos estes ramos quando cumprimos as obras de misericórdia, conforme as nossas possibilidades.

Outros são comparados a palmeiras que conservam perpétua verdura e nunca perdem a folha; assim eles conservam a verdura da castidade e são constantes nas virtudes. E assim, como a palmeira no alto é larga e, no pé, estreita, assim eles alargam os seus corações para as coisas celestiais e eternas, e das coisas da terra pouco se ocupam, apertando-se e estreitando-se no uso delas.

E quando nisto os imitamos, colhemos ramos de palma para honrar ao Senhor.

Outros santos são comparados aos ciprestes que, muito direitos e altamente, se levantam ao céu. E, por isso, com razão os devotos e contemplativos das grandezas de Deus e mistérios divinos são representados por ciprestes, e nós, baixos e terrestres, não podemos voar tão alto; todavia, de alguma maneira, os imitamos, colhendo os seus ramos, quando fazemos alguma oração devota e nos ocupamos em meditar e considerar a Paixão e os outros mistérios do nosso Redentor.

E, finalmente, quando nos ocupamos em louvar e dar graças a Deus de todo o coração, por Seus infinitos benefícios, fazemos o ofício daqueles que, com grandes clamores, diziam: *Bendito o que vem em nome do Senhor!* Assim nós, fazendo pouco caso da vida e saúde do nosso corpo, peçamos e procuremos, continuamente, a eterna saúde e salvação da nossa alma.

(Cf. *Catecismo*, pp. 260-261)

Segundo dia

Dignidade e excelência da Fé

A sabedoria e justiça cristãs brotam daquelas três principais virtudes que se chamam teologais ou divinas: Fé, Esperança e Caridade. E assim toda a doutrina cristã consiste na prática destas.

No *Credo*, se exercita a fé, porque nele expressamente se contêm as verdades que somos obrigados a crer. No *Pai-Nosso*, se exercita a esperança, porque nele pedimos todas as coisas que devemos esperar e desejar. Nos *mandamentos* do Decálogo, se exercita a caridade, porque todos eles se reduzem aos dois principais mandamentos: amor de Deus e do próximo.

É bem manifesto que a excelência e preeminência que o homem tem sobre todos os animais e criaturas corporais, consiste em que só ele pode conhecer, honrar e amar a Deus. E, por isso, aquilo a que, acima de tudo, Deus e a mesma natureza nos inclina e obriga, é procurar alcançar verdadeiro conhecimento e amor de Deus. Se o homem não tiver isto, que resta senão dizer-lhe aquilo que Deus

dele disse: *Se o homem não reconhece a honra da sua tão excelente natureza, fica comparado às bestas irracionais, e feito semelhante a elas?*

E se, porventura, tivesse algumas outras virtudes, sem o tal verdadeiro conhecimento de Deus, tanto lhe aproveitariam como aproveitam os outros membros do corpo sem cabeça.

Tal conhecimento só o possui quem tem a luz da fé, porque só esta descobre as verdades que se hão-de conhecer e crer acerca de Deus. E toda a alma na qual esta luz não resplandece, vive em cegueira e trevas, não sabe para onde caminha e não pode fazer nada que agrade a Deus. É, pois, muito de lamentar que nós, cristãos, que possuímos esta luz, não a agradeçamos quanto e como devíamos.

Lembremo-nos, portanto, de agradecer frequentemente a Deus, de todo o coração, ter-nos enriquecido com a Sua maravilhosa luz, tornado-nos participantes dos sacramentos, dando a conhecer os tesouros da Sua misericórdia e prometer-nos como herança as riquezas eternas.

(Cf. Catecismo, pp. 19; 9-10)

Terceiro dia

Natureza da Fé

Em que consiste a essência da nossa fé? Diz-nos S. Paulo que a fé consiste em crer que Jesus Cristo crucificado é natural e único Filho de Deus, que para nossa salvação, se fez homem no seio puríssimo da Virgem Maria, se entregou a Si mesmo para nos redimir e, com o seu Sangue, nos lavou dos nossos pecados. E, sendo nós inimigos de Deus e dignos de condenação, devido ao nosso nascimento natural, Ele nos reconciliou com o Pai, entregando-Se à morte pelos nossos pecados e ressuscitando para nossa justificação.

Estando nós mortos por causa das nossas culpas e pelo pecado original com que nascemos e herdámos de Adão, nosso primeiro pai, Ele, em virtude do Seu Sangue, restituiu-nos a vida espiritual da alma, dando-nos a Sua graça, mediante os sacramentos. Da Sua paixão e morte e dos Seus méritos, recebem todo o seu valor as nossas obras e penitências.

Por conseguinte, é essencial que, neste mundo, estejamos unidos à nossa Cabeça, que é Jesus Cristo, pela fé viva, esperança firme e caridade de coração puro.

Esta é a substância do que cremos, nisto estriba e está apoiada toda a nossa esperança e confiança; aqui há-de estar o nosso amor. Isto é o que continuamente havemos de pedir ao Senhor, dizendo com coração humilde: Ó eterno e poderoso Deus e Pai celestial, não me julgueis pelo valor das minhas obras enquanto minhas. Alego por mim somente as obras de vosso Filho. Ponho diante de Vós, entre a Vossa justiça e os meus pecados, como meus, os seus méritos. Ele achou por bem dar-me os seus méritos, porque, para Si, não tinha necessidade deles. Só por Ele posso fazer obras aceitas e meritórias diante de Vós. Fez-me seu membro e irmão para partilhar comigo a sua glória e bem-aventurança.

(Cf. Catecismo, pp. 12-14)

Quarto dia

Exercício da Esperança

Detenhamo-nos, por breves momentos, na segunda virtude teologal, a Esperança, começando por uma breve explicação da divina oração do *Pai-Nosso*, na qual exercitamos a nossa esperança. Nela, pedimos ao Senhor tudo quanto d'Ele licitamente podemos esperar e desejar. É, por isso, oração perfeitíssima e superior a qualquer outra feita a Deus porque nada se Lhe pode pedir que nela não esteja contido e não se peça.

Contém esta santíssima oração sete petições, antes das quais endereçamos o coração ao nosso Deus e Senhor, invocando-O e dizendo-Lhe: *Pai nosso, que estais nos Céus*, começando por chamar-Lhe **Pai**. Oh, grande dignidade dos cristãos! Oh, grande benignidade de Deus, que nos aceita por filhos, que não desdenha que Lhe chamemos Pai! Quem se atreveria chamar-Lhe Pai se Ele não dera licença, se Ele o não mandara?!

Isto nos obriga a viver como filhos de tal Pai e a trabalhar por nos parecermos cada vez mais com Ele,

para que assim se honre Ele de nos ter por filhos, como nós de O termos por Pai.

Dizemos *Pai nosso* e não *meu*, porque o Senhor não quer que alguém ore por si só, dizendo: *Pai meu*, mas sim: *Pai nosso*. Nem quer que digamos: *Dai-me o pão meu*, mas sim: *o nosso*. Nem: *Perdoai-me os meus pecados*, mas sim: *os nossos*.

E cada um de nós roga por todos e todos rogam por cada um, para que, desta maneira, mostremos que somos um só n'Ele, com uma só fé, esperança e caridade. Não pode tratar a Deus por *Pai nosso* aquele que a outro cristão não tem por irmão.

Depois de dizermos *Pai nosso*, acrescentamos: *que estais nos Céus*. Visto que o nosso Pai está nos Céus, ainda que nós estejamos na terra, ponhamos no Céu tudo o que lá podemos pôr: os corações, os pensamentos, os desejos, o amor. Esteja o nosso coração onde está o nosso tesouro; estejam os filhos onde está o Pai. E já que o Pai é celeste, não sejam os filhos de todo terrestres.

(Cf. *Catecismo*, pp. 65-68)

Quinto dia

Excelência da Caridade sobre todas as virtudes

Em crer, esperar, amar e fazer, consiste toda a santidade cristã. A fé e a esperança sem caridade e obras ficam mortas e não limpam nem santificam a alma, nem têm valor algum diante de Deus. É necessário, pois, que na alma resplandeçam todas as três juntamente: fé, esperança e caridade; doutra forma não pode haver salvação.

As obras que a caridade nos leva a praticar estão contidas nos *Mandamentos* que Deus nos deu. E, destes, o principal é o da caridade. Esta é o resumo de toda a Lei. Nela, se encerra tudo quanto Deus mandou, e tudo mandou por amor dela; e quem a tem, tudo tem; e quem a não tem, nada tem, nada lhe aproveita quanto tem.

É a caridade que torna o jugo do Senhor suave e leve; sem ela, de nada vale qualquer outra virtude. Ela é o cumprimento da Lei, o vínculo da perfeição, o caminho pelo qual Deus desceu dos Céus e veio aos homens. E só ela é também o caminho por onde

os homens não-de subir aos Céus. Deste vale de lágrimas para o lugar onde está Cristo, não há outro caminho senão o da caridade. Só ela limpa todos os pecados, só ela vence todas as tentações, só ela cumpre todos os Mandamentos, exercita todas as virtudes e faz doces todos os trabalhos; só ela diferencia os filhos da salvação dos filhos da eterna perdição.

A caridade, rainha de todas as virtudes, contém em si dois preceitos: um do amor a Deus e outro do amor ao próximo. Amar o Senhor de todo o coração e com todas as forças da nossa alma, não é outra coisa senão antepô-l'O a tudo, prezá-l'O e estimá-l'O mais que todas as coisas deste mundo e que nós mesmos; mais até que a nossa própria vida, estando prontos a tudo perder antes que ofendê-l'O, transgredindo algum dos mandamentos.

Aplicuemos, portanto, todas as forças da alma e do corpo em amar o Senhor porque, procedendo desta forma, facilmente venceremos todos os affectos carnis e cumpriremos com alegria todos os Mandamentos, assegurando, assim, a salvação e a glória eternas.

(Cf. Catecismo, pp. 86-91)

Sexto dia

A soleníssima festa da Páscoa

Eis-nos na santíssima festa da Páscoa da Ressurreição do Senhor, festa que, com toda a razão, nos deve entusiasmar e alegrar mais que todas as outras, porque nela, quer da parte do Senhor quer da nossa, abundam os motivos de alegria e consolação.

Tudo quanto nesta festa vemos nos consola sem qualquer sombra de tristeza, tanto no que a Deus respeita como a nós. Com olhos de fé, vemo-l'O levantar-se do sepulcro, ressuscitando em carne imortal e impassível, seguro de nunca mais morrer ou padecer, triunfando da morte e do inferno.

E também no que a nós diz respeito, tudo o que n'Ele vemos confirma as nossas esperanças e dilata os nossos corações com alegria e prazer, porque n'Ele vemos a glória que hão-de alcançar os filhos de Deus e o bem-aventurado estado de vida que esperamos no dia da ressurreição geral. Ó irmãos, há alguém que não deseje que o seu corpo alcance estas glórias, estes dotes e perfeições?

Ordenou Deus, porém, que ninguém alcance a bem-aventurança, seja da alma seja do corpo, sem trabalhos e merecimentos. Por isso, nesta solenidade, em que nos é proposta a imagem e amostra da nossa gloriosa ressurreição, a santa Igreja, nossa mãe, apresenta-nos uma receita do grande médico S. Paulo que, em breves palavras, nos revela o que devemos fazer para chegarmos à glória da ressurreição, dizendo-nos:

Irmãos, se quereis ressuscitar gloriosamente, *retirai da vossa alma todo o fermento velho*, limpando-a de toda a malícia, ódio, rancor, inveja e de qualquer outra corrupção e podridão espiritual, *para que fiqueis como uma massa ázima, fresca e limpa. Tende bem presente que só Jesus Cristo é o nosso Cordeiro Pascal*, que por nós foi sacrificado no altar da Cruz, e que, como fonte de toda a limpeza e santidade que é, não mora senão em almas limpas.

Portanto, irmãos, se queremos chegar à glória da bem-aventurada ressurreição, sigamos o conselho do Apóstolo Paulo.

(Cf. Catecismo, pp. 273-278)

Sétimo dia

A nossa Cabeça está nos Céus

Estávamos neste mundo cativos e presos com os grilhões dos pecados e afectos carnaís; não suspirávamos nem tínhamos saudade dos bens celestiais. Por isso, não podia haver meio mais eficaz para libertar os nossos corações destas cadeias e para elevar os nossos desejos e amores ao Céu do que o Senhor colocar nele a sua sagrada Humanidade.

Coragem, irmãos! Não se separem da cabeça os membros. Uma vez que professamos que a nossa Cabeça está nos Céus, estejam com ela os membros unidos e pegados pela fé, esperança e caridade. Depois da morte, não se juntarão com a Cabeça, na glória, os membros que neste mundo morreram separados dela.

Subiu o Senhor para nos preparar um lugar e aposento e para nos ir abrindo o caminho, como o tinha dito o profeta Miqueias. Por conseguinte, da nossa parte, só falta trilhar o caminho que nos mostrou e desejar chegar ao lugar onde Ele se instalou. Esteja o nosso coração onde está o nosso tesouro; se o corpo

está na terra, a alma, que é águia de Deus, voa para junto d'Ele.

E não lhe faltam asas, como diz Sto. Agostinho, porque para isso te deram inteligência e vontade; para isso te deram fé e amor e para isso te deram os dois preceitos de amor de Deus e do próximo, para que, com duas asas, voasses até Ele.

Ânimo, pois! Em quaisquer pedras de penas e tribulações de que te sentires ferido, levanta os olhos da alma ao Céu, vê Aquele que está à direita do Pai e regozija-te confiando n'Ele e considerando que não subiu a tão alto lugar senão depois de muito apedrejado neste mundo, como Ele próprio o disse: *Foi necessário Cristo padecer muitos tormentos e assim subir à sua glória.*

Consola-te também com estas palavras de S. João: *Temos, diante do Pai Eterno, um advogado, Nosso Senhor Jesus Cristo, que, enquanto homem, intercede por nós, tanto para nos alcançar o perdão dos nossos pecados, como para nos alcançar a vitória nas tentações.*

(Cf. *Catecismo*, pp. 39-42)

Oitavo dia

Santíssimo Sacramento da Eucaristia

Este é o principal e mais excelente de todos os sacramentos, porque nos outros está somente o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas, neste, não somente o poder, mas Ele mesmo, real e substancialmente, Deus e homem verdadeiro, fonte de todas as graças e bens.

A nós não é dado descobrir como o Senhor faz esta maravilha tão grande, e como, ditas pelo sacerdote aquelas divinas palavras que Ele ordenou, a substância do pão e do vinho se mudam e transubstanciam em Seu verdadeiro Corpo e Seu verdadeiro Sangue.

A nós só nos compete maravilhar-nos, amar e agradecer tão grande benefício, tão incompreensível dom, tão infinito amor que O obrigou e forçou a dar-nos a sua Carne e Sangue em alimento das nossas almas, tal como no-lo havia dado em redenção e preço por elas no tormento da Cruz. E, por isso, o que sobretudo quer de nós é que aproveitemos

muitas vezes este tesouro, gozemos deste convite, nos preparemos muitas vezes para receber o Seu santíssimo e preciosíssimo Corpo.

Desejamos vida? Este Sacramento é a fonte da vida. Desejamos fogo de amor de Deus? Este é fogo infinito. Queremos consolações espirituais? Esta é a fonte de deleites eternos. Queremos perdão dos nossos pecados? Este é *o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo*. Somos fracos nas tentações e desejamos vitória? Este é o Senhor das vitórias e Deus todo-poderoso.

Mas, irmãos, ninguém comungue indignamente. Antes de atender este celestial convite, examine com cuidado a sua consciência e, sinceramente arrependido de seus pecados, peça deles perdão. E, assim preparado, receba o Corpo do Senhor com aquela fé e confiança que teria de alcançar perdão de seus pecados, se O visse, com os olhos do corpo, estar na Cruz por si e convidá-lo ao perdão dos pecados e a participar dos méritos do Seu Sangue.

(Cf. *Catecismo*, pp. 149-153)

Nono dia

Assunção de Nossa Senhora

Nesta festa, celebramos o glorioso dia em que a Rainha dos Céus deixou este desterro e foi tomar posse do Reino celestial. Levada deste mundo indigno de tão precioso tesouro, foi convidada a reinar sobre os Anjos e a receber prémio digno de suas altíssimas virtudes.

Recebe de Deus, seu Filho, as glórias e honras que convinha tal Mãe de tal Filho receber; este Filho que, mais que todos os outros, cumpriu o mandamento que dera aos homens de honrar pai e mãe.

E, se bem que a Virgem, naturalmente, morreu (como também seu Filho) e a sua santíssima alma foi realmente separada do corpo, e no mesmo instante bem-aventurada, todavia, foi logo ressuscitada em corpo e alma por seu Filho. Deste modo, foi glorificada e exaltada, tanto no corpo como na alma, sobre todos os coros dos Anjos.

Nela, se juntaram todo o fervor e esplendor dos santos contemplativos e dos de vida activa. Isto revela-nos a grandeza da Santíssima Virgem e, ao

mesmo tempo, ensina-nos o caminho da salvação. Na verdade, daqui aprendemos que, se nos queremos salvar, é necessário abraçar uma destas vidas e ocupações, ou um pouco de cada uma.

A vida activa consiste no exercício das obras de misericórdia, quer corporais quer espirituais, socorrendo os famintos, vestindo os nus, servindo os doentes, corrigindo os faltosos, ensinando e aconselhando os ignorantes, consolando os tristes.

Mas, antes de ser misericordioso com os outros, é preciso sê-lo consigo mesmo, corrigindo a sua vida, curando as chagas da sua alma e vencendo as más inclinações.

A vida contemplativa é daqueles que, embora tenham grande amor ao próximo, recolhidos consigo sós, passam a vida em contemplação das coisas eternas e desejando verem já o seu amado Senhor.

Não havendo mais que estes dois caminhos que levem ao Céu, empreendamos algum deles, ou andemos um pouco por cada um deles, a fim de perpetuamente morarmos na companhia da nossa Mãe celeste, no lugar para onde ela passou.

(Cf. Catecismo, pp. 307-312)

Breve Síntese Biográfica

S. Bartolomeu dos Mártires, nasceu em Lisboa, a 3 de Maio de 1514. Professou no convento de S. Domingos daquela cidade, em 20 de Novembro de 1529. Formou-se em filosofia e teologia, ciências que ensinou durante cerca de vinte anos, deixando escrita uma extensa obra de teologia, espiritualidade e pastoral.

Forçado, por obediência, a aceitar o arcebispado de Braga (1559), participou, na qualidade de Primaz das Espanhas, na fase conclusiva do Concílio de Trento (1561-1563), distinguindo-se pelo saber e zelo da renovação da Igreja, edificando a todos pela sua santidade. A correspondência do Concílio chama--lhe “*douto e religiosíssimo prelado*”, e S. Carlos Borromeu afirma que o tomou por exemplo a imitar.

S. Bartolomeu dos Mártires rejubilou com a feliz conclusão do Concílio e, em carta de despedida a S. Carlos, afirmou que “*só falta empenharmo-nos com todas as forças para o aplicar*”.

Este último constituiu o seu programa pastoral realizado em Braga com zelo e constância heróicos, superando todas as dificuldades. S. Pio V, também ele membro da Ordem de S. Domingos, em carta a

D. Sebastião, referindo-se às contestações sofridas pelo Beato, declara-se muito penalizado e afirma que o Arcebispo, *“pela sua exímia santidade, merecia ser amado e reverenciado”*.

Para a renovação da Igreja bracarense, deu especial atenção ao culto divino, dignificou e protegeu o clero, pela fundação do Seminário e de vários centros de estudos teológico-pastorais, desenvolveu a instrução da juventude, organizou a assistência, socorreu órfãs e viúvas e distribuiu liberalmente, pelos pobres, quanto tinha, vivendo ele em extrema pobreza para ter mais que repartir.

Envelhecido, cansado e doente, renunciou ao governo da diocese (1582) e retirou-se ao convento de S. Domingos de Viana do Castelo, onde faleceu santamente, a 16 de Julho de 1590.

À hora da sua morte, os bracarenses pretenderam levar o seu corpo para Braga, mas os vianenses opuseram-se de armas na mão.

Em 23 de Março de 1845 é reconhecida pela Igreja a heroicidade das suas virtudes, e em 4 de Novembro de 2001 o Papa João Paulo II eleva-o à honra dos altares beatificando-o. E o Papa Francisco canonizou-o no dia 10 de novembro de 2019.

O que é orar?

Entende agora o que é orar: não é mover os lábios, não é dar vozes sem atenção e afeição do coração. Orar é falar com Deus, com o qual, porque é espírito, melhor falamos com o espírito que com a boca. E, por isso, esforça-te diligentemente por, quando dizes qualquer oração com a boca, dizeres também com a alma o que diz a boca....

O que é a oração senão uma elevação da alma a Deus e um ardente oferecimento dos seus desejos diante de Sua Majestade? E, portanto, sempre que oras, tem desejos piedosos; nunca oras se nunca os tens, ainda que, com os lábios, pronuncies alguma oração....

É também necessário que a oração seja baseada e proceda da fé, da esperança e da caridade, isto é, da fé, crendo firmissimamente que Deus é suma bondade, fonte e dador de todos os bens, e a Ele se hão-de pedir todos os bens espirituais.

Também deve nascer da esperança e da confiança, confiando muito firmemente que aquela Suma Bondade está desejosa de nos fazer todas as mercês necessárias para a nossa salvação eterna, se nós, de coração, as desejamos. Nos milagres que fazia, costumava dizer muitas vezes aos que recebiam benefícios milagrosos: - *Por vossa fé e confiança recebestes este benefício.*

Peçamos, portanto, com confiança firme, apoiada nos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e em seu Nome. Pedindo, alcançaremos coisas necessárias e proveitosas para a nossa salvação.

A oração deve proceder também do amor fervente, porque as grandes mercês não as faz o Senhor senão aos que O amam, como diz Isaías.

A oração tem de ser fundada também na humildade, isto é, no claro reconhecimento das tuas faltas e necessidades espirituais. Porque, quem não vê o que lhe falta, quem não enxerga a sua pobreza espiritual, como poderá pedir ao Senhor riqueza?...

E, por isso, a oração do Publicano foi aceite e reprovada a do Fariseu, porque o Publicano viu e descobriu os seus males espirituais diante do Médico eterno, Jesus Cristo, e cheio de confusão e vergonha, com os olhos no chão, dizia: — *Meu Deus, tem misericórdia de mim, porque sou pecador.* E o Fariseu encobria as suas chagas e descobria as suas virtudes e as boas obras.

Nisto nos ensinou o Senhor quão necessária é a humildade para a oração ser valiosa.

S. Bartolomeu dos Mártires
(*Catecismo, pp. 82-84*)



Invoquemos os Santos

A vida daqueles que fielmente seguiram a Cristo é um novo motivo que nos entusiasma a buscar a Cidade futura (cf. *Heb* 13, 14; 11, 10) e, ao mesmo tempo, nos ensina um caminho seguro, pelo qual, por entre as efémeras realidades deste mundo e segundo o estado e condição de cada um, podemos chegar à união perfeita com Cristo, quer dizer, à santidade.

Na vida daqueles que, participando conosco da natureza humana, se transformam mais perfeitamente na imagem de Cristo (cf. *2 Cor* 3, 18), Deus revela aos homens, de maneira mais viva, a sua presença e o seu rosto. Neles nos fala e nos dá um sinal do seu Reino, para o qual somos fortemente atraídos por tão grande nuvem de testemunhas (cf. *Heb* 12, 1) que nos envolve e com tão grande afirmação da verdade do Evangelho.

Porém, não é só por causa do seu exemplo que veneramos a memória dos bem-aventurados, mas ainda mais para que a união de toda a Igreja aumente

com o exercício da caridade fraterna (cf. *Ef* 4, 1-6). Pois, assim como a comunhão cristã entre os que peregrinam neste mundo nos aproxima mais perto de Cristo, assim também a familiaridade com os santos nos une a Cristo, do qual procede, como de Fonte e Cabeça, toda a graça e a vida do próprio Povo de Deus.

É, portanto, muito conveniente que amemos estes amigos e co-herdeiros de Jesus Cristo — também irmãos nossos e benfeitores insignes — que dêmos a Deus as devidas graças por no-los ter dado, que “os invoquemos humildemente e que recorramos às suas orações, à sua intercessão e ao seu auxílio para obter de Deus as graças necessárias, por seu Filho Jesus Cristo Nosso Senhor, único Redentor e Salvador”.

Na verdade, todo o amor autêntico que manifestamos aos santos tende e leva, por sua mesma natureza, a Cristo, que é a “coroa de todos os Santos”, e, por Ele, termina em Deus, que é admirável nos seus santos e neles é glorificado.

(Vaticano II, LG 50)

ÍNDICE

Vinde Espírito Santo	2
Oração para antes da leitura	3
Preces finais	3
1.º dia - Imitação dos Santos	6
2.º dia - Dignidade e excelência da Fé	8
3.º dia - Natureza da Fé	10
4.º dia - Exercício da Esperança	12
5.º dia - Excelência da Caridade sobre todas as virtudes	14
6.º dia - A soleníssima festa da Páscoa	16
7.º dia - A nossa Cabeça está nos Céus	18
8.º dia - Santíssimo Sacramento da Eucaristia	20
9.º dia - Assunção de Nossa Senhora	22
Breve síntese biográfica	24
O que é orar?	26
Invoquemos os santos	29

Distribuidor:

Edição do Secretariado Nacional do Rosário

Padres Dominicanos

Rua de S. Domingos s/n • 2495-431 FÁTIMA

Telf. 249 531 244

E-mail: snrosariom@gmail.com

www.dominicanos.com.pt - www.isdomingos.com

Depósito Legal N.º 468752/20

Execução Gráfica:

Indugráfica, Lda. - Fátima

1. Manual do Rosário

Fr. Luís Cerdeira, Editorial A. do Rosário, Fátima 1994, 849 páginas.

2. O Rosário

Fr. Luís Cerdeira, Editorial A. do Rosário, Fátima 1995, 350 páginas.

3. Cantai ao Senhor (3.^a edição)

Vários Autores, Editorial A. do Rosário, Fátima 2010, 64 páginas.

4. Rosário de Maria

Vários Autores, (1.^a ed.) Editorial A. do Rosário, Fátima 2001, 80 páginas.

5. Espiritualidade Dominicana

Vários Autores, (1.^a ed.) Edit. A. do Rosário, Fátima 2001, 152 páginas.

6. Fr. Gil e a sua obra

Fr. Alberto Carvalho, (1.^a ed.) Edit. A. do Rosário, Fátima 2002, 155 páginas.

7. Rosário de Maria (2.^a edição)

Vários Autores, Editorial A. do Rosário, Fátima 2002, 100 páginas.

8. Os Quinze Sábados do Santíssimo Rosário

Vários Autores, (1.^a ed.) Editorial A. Rosário, Fátima 2003, 135 páginas.

9. O Único Caminho da Salvação (2.^a edição)

Fr. António Peixoto, Editorial A. Rosário, Fátima 2004, 144 páginas.

10. Como ser feliz, como ser santo, o Céu ao alcance de todos (2.^a edição)

Fr. Paulo O'Sullivan, op, Ed. A. Rosário, Fátima 2004, 224 páginas.

11. Ao serviço de Jesus e de sua Mãe (3.^a edição)

Vários Autores, Editorial A. Rosário, Fátima 2014, 36 páginas.

12. Novena a S. Domingos (2.^a edição)

Vários Autores, Editorial A. Rosário, Fátima 2006, 64 páginas.

13. Manual do Apostolado do Rosário (1.^a edição)

Fr. José Lucas e Fr. Domingos Martins, Edit. A. Rosário, Fátima 2007, 80 páginas.

14. Como evitar o Purgatório (3.^a edição)

Fr. Paulo O'Sullivan, op, Ed. A. Rosário, Fátima 2013, 45 páginas.

Oração de S. Bartolomeu dos Mártires para pedir caridade

Suplico-Te, Pai compassivo:
dá-me um coração humilde,
acessível, benévolo
(que ame os amigos em Ti
e os inimigos por amor de Ti),
manso, tranquilo, sereno,
sempre a arder no amor celestial,
pensando bem dos irmãos;
um coração compassivo
para com as adversidades
e pecados dos outros
e exultante com a sua prosperidade
e os seus méritos;
um coração que, enfim,
chore com os que choram
e se alegre com os que se alegram.

(Compêndio de Doutrina Espiritual, p. 233)